O MELRO

"Eu Conheci-o"

A. C. CARNEIRO

Ano I — N.º 4

DIRECTORES,
A. Leão Martins e Silvio Ramalho.
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO E ADMINISTRADOR,
Augusto Ferreira da Cunha.
EDITOR,
J. J. M. de Souza Pinto.
REDACTOR PRINCIPAL,
António José Pinto de Carvalho.

TODA A COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Redacção e Administração — Rua da República, 168

Propriedade da Empreza O MELRO

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranense
Rua de Paio Galvão

Quinzenário humorístico e literário

Guimarães, 26 de Abril de 1914

Pelo buraco da fechadura

comentários

—A fé ardente já não chama ao templo os pais educadores, nem as mães religiosas, nem as filhas límpidas e ingénuas. A arte já não tem admiradores, já não faz vibrar as cordas sensórias da satisfação e do gosto. Modernamente, o afago quente duma igreja incomoda; a harmonia agradável dum teatro que diverte e ensina, já não satisfaz, não interessa, não desopila. A situação é outra; a tendência arrasta atrevidamente para um campo mais arejado e puro, a sociedade que observa e que não deseja estagnar na degradante apatia do esquecimento, a sociedade civilizada que ataganta fortemente os maus costumes, as provocantes maneiras, os impúdicos actos.

A sociedade antiga, uma sociedade de orgia e de cobiças, não sabia divertir-se, não sabia gosar, não sabia gastar dinheiro. Era uma sociedade caduca que não tinha apresentação, que não tinha maneiras, que não procurava aliviar os cuidados, espalhar os aborrecimentos expandir a satisfação.

Porêm, a nova sociedade, urdiu novos costumes, poliu as asperezas, abuliu os preconceitos teimosos que peiavam os espíritos preclaros, espantou o medo que retraia e cobriu com um denso veu a vergonha.

O progresso e a civilisação atiraram para longe com os homens rebeldes, e com as mulheres de disposições previdentes e cautelosas. O progresso não admite entraves; censura o pessimismo, critica tradições, derruba velharias, e arroja-se em largos vôos.....

Por toda a parte a civilização é recebida com palmas e flôres; é que ela ensina a dançar, a cantar, a tocar; é que ela desperta, instiga, manda. A civilisação é a decência, a elegância, a moda.

O mundo caminha. Os tempos são outros. Aquele que tentar ofuscar o brilho das novas festas, que desejar encobrir o horisonte luminoso riscado pelo progresso, incorre num crime. — Pois... se crime é discutir actos, sensurar leis, desrespeitar *Homens*, protestar, apreciar.....

—O' doutor, que arrotos são êsses de erudição ática?

—Vies-te surpreender-nos?... saberás:

—E' um trabalho psicológico de costumes, que tenciono apresentar à apreciação dos críticos modernos, e dos filósofos ponderados.

—Como assim?...

—E' que os costumes estão mais safos que os patacos velhos.

—Não percebo.

—Foste até o baile?

—Sim; que te parece? Foi o baile que te sugeriu essas confusas apreciações? Afinal, não dizer mal, não dizer bem, não louvas, não criticas...

—Você é lôrpa. Não vê que o que tenho escripto é uma parte do exórdio? A seguir é que vão as apreciações, os confrontos. Mostrarei d'uma forma bombástica, sem tropos nem embages, o perigo que a sociedade atravessa. Serei incisivo e mordaz. Hei-de motivar o *ah!* por suspensão, e o *oh!*, o terrível *oh!*...

—Achas então que a dança é um mal, uma perversão, uma irreverência?

Não sabes que a dança desenvolve, dilata, cura doenças?...— se até os ministros dançam, os deputados dançam... não sabes que a evolução... Ali, não só se dança. Firmam-se juramentos; discutem-se maneiras; censuram-se faltas; é um *parlamento* que desenvolve; é uma *escola* que ensina. E é preciso que saibas amigo doutor, que um homem por mais epicurista que seja, não tem o direito de criticar assim, dessa forma esbagaxada, uma sociedade que se apresenta toda *tango* e que procura divertir-se.

—Quem fôr defensor da dança, é defensor da imoralidade.

—Não há danças inconvenientes, disse alguem, e eu concordo, mas sim dançadores.

—Bem, acabem lá com o soporífero diálogo — volta o terceiro conviva, que folheava a Revue Critique—Dize-me cá, correu bem a *soirée*? Não houve nada discordante?

—Tudo correu bem.

—Calor muito, não?

—Sim, algum, mas de quando em vez um *gelado* refrescava.

—A luz não se apagou?...

—Não, não se apagou. O Bento esteve de prevenção.

—A que horas terminou?

A's seis da manhã tudo debandou, pacatamente, para não *provocar* nem *desrespeitar*...

—Com que então a luz não se apagou?...

Que decepção, que sensaboria...

—Mas que vem a sêr isso da luz?

—E' que às escuras é que... ah!... ah!... ah...—diz o doutor sufocado por um ataque de riso.

Ouve cá, — volta o doutor um pouco mais sossegado—a *toilette* das damas era edénica, não é verdade?

—Ponhàmos ponto na conversa, para não resvalarmos para o precipício da irrisão e da maldade.....

—Devido à nossa curiosidade, surpreendemos êsse vão diálogo.

—Relevai qualquer imprudência.

Curioso.

Fala D. Afonso

—Psh! Psh!

Voltamos costas: era D. Afonso que desejava ter comnosco uma palestra. De chapeu nas unhas, aproximamo-nos do heroi batalhador.

—Fez bem passar por aqui. Tenho muito a contar-lhe, diz-nos S. Alteza. Vou revelar-lhe uma novidade.

—Ouçamos:

—Fui passear d'aeroplano. E' magnifico! Passeei á minha vontade, apreciei Guimarães por um canudo...

—Por um canudo?!...

—Sim, por um canudo, por este oculo...

E S. A. mostrou-nos, na verdade, um grande canudo.

—O aspecto da cidade visto de cima?

—Oh!! V., um dia, ha de ir comigo. Mas, vamos ao que importa, eu vi coisas...

O parque, por exemplo, em volta do castello, é soberbo! Belêsa de dezenho! Ficou muito bem! louvo o municipio. O bairro operario é pequeno; contudo, é obra importante. Olhe que a Camara trabalha! A aviação electrica está adiantadissima. Para *um ano*, com certêsa, fica concluida. A praça de touros que um grupo de illustres vimaranenses vai mandar construir será um grande melhoramento para Guimarães. Louvo os da ideia!

Sou de opinião que a feira do gado seja lá em cima, no Cano; é outra limpêsa e aquele local presta-se melhor do que o outro. O novo relogio da Oliveira, mandado vir pela Cámara, é bom, trabalha bem. Agora sim; não é como o antigo que não trabalhava, fazia greve. Este, ao menos, é um gôsto ouvi-lo dar horas, meias e quartos. Olhe se toma nota para deitar ao seu jornal.

—Esteja descançado... tomamos nota.

—Bem; ainda não é tudo, ha mais: não me agrada a rivalidade entre os dois cinêmas. Parece mal... torna-se ridicula a questão. Sejamos como irmãos; para isso ha a fraternidade e igualdade concedidas pela Republica. Porque vão demolir a egreja de S. Paio e não aterram a Praça de S. Tiago? Que lucramos em conservar, no coração da cidade, os lupanares? A todas as horas presenciamos cênas vergonhosas. Qual a rasão porque a Cámara não manda arrasar essas casas e formar um largo airoso, por exemplo. Se querem lupanares afastem-nos do centro. V. deve concordar comigo, não?

—Sim, concordo.

—Depois, as pedras da igreja de S. Paio irão atulhar o largo. Ora, com franquesa, é uma asneira. Os moradores desse largo berram, criticam, e com rasão. Quando descia o aeroplano, na segunda-feira, de manhã, vi que um padre ainda *andava aos ovos*; não compreendo...

—Ah! o caso explica-se. Foi na R. da Republica; o padre, sabendo que o proprietario duma mercearia é republicano, não foi lá com receio de que lhe fechassem as portas.

O proprietario, zangado, manda chamar o padre e C.ª, querendo, assim, que lhe levasse os ovos e cumprisse a sua obrigação...

—*E' bem pilhada*! Ouça: porque é que a auctoridade permite os porcos vão pastar dentro da cidade, como seja, por exemplo, no largo Alberto Sampaio? Entendo que quem precisar de pastar porcos e *porcas* os leve p'r'além barreiras.

—E' justo.

—Quem é aquele sugeito que nunca sai deste largo, e que de noite não abandona, um só momento, a namorada que habita atraz de mim, ali, á esquina?

—E' um guarda diurno e nocturno que usa o sobrenome mais duro que um calhau.

—Bem: para terminar participo-lhe que fui, a semana passada, fazer a barba ao *Tum*. Até qualquer dia e não se esqueça de escrever o que lhe contei. Adeus.

—Adeus, R. Magestade.

Galam.

Serafim Rodrigues
SOLICITADOR
Rua Dr. José Sampaio

Soneto

(A' minha ex.ma perfilada—E. M.)

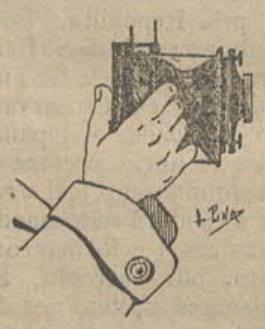
Sois a flor ideal do mais lindo jardim,
Egregia e perfumada a rosa sem espinhos...
O vosso rosto é mais puro de que o setim
—Dignissimo d'amor, de fraternais carinhos!

Quando a vossa figura aristocrata e nobre,
Atravessa, medindo o passo, vagarosa,
A cidade letal, de movimento pobre,
Ouço rumorejar, em voz baixa: — é formosa!—

Assim do mesmo modo, ao ver-vos á janela
Encantadora, bem vestida, toda bela,
Linda como os amores, como os bem-me-queres,

Eu sinto uma impressão intensa nos meus nervos,
Acreditai, vontade eu tinha de dizer-vos:
—Fada! bendita sois no reino das mulheres!...

Castor.



Em Foco

SILHOUETAS

Lá diz o Poeta:

"E olha que foram
Morenas e bem
As môças mais lindas
De Jerusalem."

*E a nossa perfilada, com certeza, embora não seja de Jerusalem, mas sim do religioso Minho das paisagens, dos regatos e arvoredo—de Celorico de Basto—é uma de "**as môças mais lindas**" qué a Natureza conserva.*

"Moreno era Cristo."

Morena é a Amélia.

Seu corpo oriental, delicado é modelo-estatuário.
Mulher-Perfeição!
Môça-Trigueirinha!
Alma-Religiosa!
Alma-Lusitana!
Coração-Santificado!

"Mas rosas Morenas
Só tu, linda flôr."

Sua pele macia não é alva como a de Ofélia luarizada!

No rosto duma simplicidade extrema destacam-se duas estrelas—olhos de Fé, olhos Portuguêses, de côr do Mar!

Dentes imitando cristais.

Cabelos fartos, negros, muito escuros, são separados delicadamente por um traço branco, de côr da neve.

Corpe elegante!
Mulher-Ideal!
Que importa, pois,

"Que as mais raparigas
Te chamem morena?"

Galam.

*

*Dentre a pleiade distincta dos **novos** sae o nosso **perfilado**, que por sorte é **Turco** nos **jovens** da Assemblea e **Bulgaro**, quando com toda a **póse** se apresenta com a sua farda—essa farda brilhante de oficial do nosso glorioso exército.*

*Alto: corpo delgado e delineado pelos traços finos duma elegância pura: côr—essa côr morena de que tanto gosta e que **por acaso** encontra sempre nas ditosas que lhe prendem o Coração: como que **brincando continuamente** paira-lhe nos lábios um sorriso que se pode dizer **permanente**, quando se não transforma num **gargalhar** sem fim.*

Querem vê-lo?...

*Encontram-no, ou em ameno cavaco num **Club**, ali para os lados da Mercearia Barbosa, ou **resando psalmos de amor** junto à Misericórdia para que esta cubra sempre com o seu manto de protecção uma **santa** que adora em extremo e a quem alguêm apelida de... **Xiquinha**...*

Coração afável e bom. Amigo certo do seu amigo.

*Tem momentos em que a jovialidade comunicativa desaparece e então qual lufada tempestuosa de vento Norte, quer **amar** povoados inteiros, despedaçar tudo e todos.....*

*Felizmente que éstes **tormentos** para o seu génio alegre não duram muito. Volta lógo a ser o mesmo homem de sempre, **Bom, Afável** e **Delicado**.*

*Conhecem-no? Não precisarão para isso, caros leitores, dumas **lunetas** afincadas num **respeitável nariz**!...*

Tanagra.

De repelão

Tarde sombria, tenebrosa e triste, com chuviscos, por intervalos. Uma séje de aluguer, a trambolhar pela Praça do Comércio, em Lisbôa, pára á porta do Ministério da Justiça, ladeada por creados de tochas acêsas.

Alguem do lado interroga:

—O que será?

—Algum infeliz que deu a alma ao criador! responde o engraxador da esquina.

—Quem será? pergunta contristado um môço de frétes.

—O enterro do «Projecto do Concelho de Vizella». Vae ser conduzido á vála comum!... certifica um *familiar* muito comovido que ali se encontrava a tratar da *sua saude*... Não imaginam como vae lindo, volve o *familiar*, vestido e enfeitado a capricho! Os que se incumbiram do vestuario deram-lhe um casaco de abas, forrado de direitos banaes. Vestiram-lhe um colête de portinholas com môfo nas algibeiras. Ao pescoço puzeram-lhe um rosario de pinhões com uma cruzinha «Sul-Americano», penduricalho ganho nas campanhas da poeira. Os Armindos, Bentos, Salgados, Pintos & C.a, sociedade de responsabilidade mutua, enfiaram-lhes uma camisa quimica, lavadinha nas sulfurosas para demorar a decomposição do cadaver. Os Barrosos Dias encaixaram-lhes, na cabeça, o *bonet rouge* que lhe fica mesmo a morrer. As *pantalonas* feitas de dezenas de telegramas e representações de porcaria, é obra de *exgôto* da Ponte Nova com ramificações para a Ponte Velha e os sapatos que eram dum *vêsgo* espadanar lama, em tempos de eleições, levam o distico—«Feijão Carrapato!»

Que lindo êle vae!

O caixão é feito de sarcasmos e forrado com um *tecido* chamado —«Beiça!»

Súbito, organisa-se o cortejo funerario. A' frente, um grupo de *catacegos* conduzindo cabos de cebôlas, seguido por um *estouvado* a mascar apelidos de irracionaes.

Segue-se a «Confraria do Arrependimento» com a «Irmandade da Casca Grossa» cobrindo gualdrapos que encobrem fundilhos rôtos. A velhaquíssima *tripéça* que pretendia dirigir os seus destinos segue lacrimosa após a séje, entoando o *De profundis* e o Zarôlho, bedel de retranca, solfeja a «Evolução Economica» à Salisbury, revelação expontanea da alma do *mirónes*.

O ministro da religião réza:

«Senhor, Armindo, morreu este pobre diabo de debilidade aumentada por uns vomitos crueis que lhe receitou a «Comissão conselhia» de que vós fazieis parte integrante. Peço-vos, Senhor, para êle a comiseração dos «Gatos Pingados» e dos «Mostrengos da Porcaria», que lhe vão dar sepultura para que o desgraçadinho não fique a cheirar mal, agora e sempre. Senhor: tende compaixão da sua alma que saiu d'um *ôvo chôco* e passa agora a paredes dentro d'uma *moéla de galinha* depois que o *A' porta inferi* seja entoado e *O requiescat in pace* faça chorar todos os circumstantes. Amen».

Para arquivo

Um empregado Pimenta, duma casa comercial da R. 31 de Janeiro, enviou a uma menina a seguinte carta que pela sua originalidade achamos conveniente publicá-la.

Ei-la:

«Ex.ma Senhora

Tive hoje ocazião de lançar a mão a pena para escrever a V. Ex.a vejume cam uma sinpatia tam elevada que de hoje não pude paçar sen lhe escrever estas duas mal nutadas letras en que mostro o meu amor que tenho a V. Ex.a se o de V. Ex.a for da mesma forma nós puderemos ter relações um cum o outro se V. Ex.a açeitar que creio asin o fazer.

E com esto não a estou a encumodar mais para macada ja chega:

A minha direção é esta que envi o

A. de F. P. M. (pomos só as iniciais)—Guimarães.

Peço tanben a V. Ex.a para me enviar a direção de V. Ex.a par compeleto. E peço tanben que me diga se quer as cartas pla mesma portadora desta ou pelo curreio para mim cumo V. Ex.a quizer eme endeferente. Espero resposta de V. Ex.a e Sou este que a ama

P. (não pomos nome)

Peço desculpa por ir mal escrita por ser à preça.

Saudades—3—11—913.»

Palcos & Salas

Theatro D. Affonso Henriques

A companhia Liliputiana que se encontra no teatro Sá da Bandeira, no Porto, onde tem obtido grande sucesso, acaba de ser contratada para realizar duas récitas nêste teatro, com as milhores peças do seu repertório, nos dias 28 e 29 do corrente.

No género é o grupo artistico mais original e interessante que tem vindo ao nosso país, notabilisando-se pelo encanto de pequenas artistas, entre êles uma actriz que tem apenas 62 centímetros de altura, sendo considerada como a mulher mais pequena do mundo.

O repertório compõe-se de operetas modernas, comédias, etc.

Será um acontecimento teatral que o ilustre público vimaranense deve aproveitar visto a companhia constituir um sucesso no género. A assinatura encontra-se aberta na barbearia Costa e casa Havaneza.

*

Tournée artística

Realiza-se nos dias 12 e 13 de Maio próximo dois surpreendentes espectáculos por uma companhia dirigida pelo actor Esmeraldo Matos e da qual faz parte a actriz Elisa de Oliveira Pinto.

Representar-se hão as engraçadas comédias: «O Infanticida», «Noite de Noivado», «A mulher do Conselheiro» e a «Maldita sogra», que teem causado sucesso no Porto e em várias provincias, onde já a companhia trabalhou.

A assinatura está aberta na barbearia Simão Costa, à rua 31 de Janeiro, até à 13 horas do dia 12.

CONSTA QUE:

—Bons reclamos só na Juventude do jovens... carecas.

—A Câmara intimou a direcção do teatro Afonso a concluir o passeio; e a direcção, por sua vez, intimou a Câmara a deitar caleiros no beiral do teatro.

—O «Castelo de Guimarães», «Legionário» e «João Semana» são a mesmissima coisa.

—A *Mimi*, depois de passar nove dias em Guimarães, se retirou pedindo a um *certo menino*, inspirador de clemência, para lhe mandar *O Melro* se trouxesse piada.

—Um certo prefeito, muito *amiguinho* de saborear merendas, ainda não largou, êste ano, a capa nem o *côco* de inverno.

—Num dia da última semana, quando o Sol, verdadeiramente crepitante, parecia abrasar tudo, isto se tornou notório e alguns académicos, aliaz muito *inteligentes*, perguntavam estupefactos: — E' piada, não acham?

—Um sábio analista descobriu que as batatas de Hamburgo têm o micróbio da tuberculose. Porem, descoberta maior se fez últimamente: um micróbio funesto, isto é, a *formiga*, tem desvastado o *carvão* e várias *drogas* mais. Cuidado com os ditos *bichos*.

—A estrada nova para a Penha, no lugar de S. Roque, vai ficar a maior bestealidade do mundo devido à ex.ma Câmara querer servir um *azul-branco*.

—O largo de S. Paio nasceu muito infeliz.

—Brevemente este vai ser dotado com uma *feira* de granito.

—Há na polícia quem se *governe*.

—O bairro operário está concluido.

—A polícia não aparece quando é preciso.

—O Campo da Feira volta a não ter feira.

—Um industrial, morador na Caldeirôa, mandou vir um vagon de basófia em liquido para tomar às colheres.

—No Largo do Campo da Feira existem três rolas fafenses que se aproveitam do adro para... muita coisa.

—Só no próximo número é que apresentaremos, aos nossos leitores, o resultado do concurso de *mancebos*.

—Os potes da rua de Couros, vão ser utilizados para carceres.

—O empregado da Sociedade tambem vota n'elle...

—O *High-Life* vai servir um copo d'agua no dia da inauguração.

—A praça de Touros talvez seja nas repartições publicas.

—Os bandarilheiros veem todos *da fabrica* do «Melro».

—No baile se dançou muito bem a *morna* dos pés no ar.

—Umas senhoras da rua da República dizem muito mal dos caixeiros.

—As mesmas em chegando a noite teem um mêdo que se pellam

—Um negociante da R. da Republica anda a estudar para Calino.

—O mesmo é de primeira ordem com as suas calinadas.

—Anda muito *animal* com as mãos no ar.

—Impera o cynismo no *Só tu sabes*.

—Chegou o tempo das molêsas.

—O tempo está proprio para os *gargarejadores*.

—A *salvação* vai subir de preço.

—A *rêde* não apanha cães talassas.

—O *leão* da Penha fugiu para a Sára.

—Os sinos de S. Paio vão fazer a mão direita do Marquês de Pombal.

—Uma menina dos Arcos morre pela sua cadelinha.

—As *flores de Néve* se desfizeram com o ultimo calor.

—Os vizelenses se agarram um .....esfolam-no.

—O *chefe dos 20* não agrada a todos.

—Que as ultimas..... carapuças... nem por medida.

PARA LONGE

Saudades de O. L.

Mais seductor que um brêjo em primavera
Um vulto de Mulher de tom moreno
Fêz-me rastejar como rasteja a era
Mirrada pelos sóis, sempre ao sereno.

Se não me sugeitei ao Nazareno
No nono mandamento que nos dera,
Buscarei linitivo mais ameno
Nessa paixão que a todos retempera.

Mas, se amar em sigilo fôr pecado,
Moreninha, eu pequei de apaixonado,
Tenho direito ao riso dum perdão!...

Homem que ajoelha em frente à gentileza
E se confessa escravo da beleza,
Esmolera... *p'r'o culto da paixão!*

Tirteu.

TEATRO AFONSO HENRIQUES

LUTA PELA VIDA

2.000 metros — 4 partes

Publicações

O Lusíada

Recebemos os quatro primeiros números da revista «O Lusíada», órgão dos alunos do liceu de Braga que tem por redactores os nossos presados amigos e inteligentes académicos António da Cunha Matos, Oliveira Faria e Sá Carneiro.

Na parte literária destacam-se produções de valor, como sejam alguns artigos de Cunha Matos, Oliveira Faria e outros.

Traz algumas fotogravuras nítidas. A capa, original do distinto professor de desenho e reitor do nosso liceu, sr. José Luís de Pina, é artística, obedecendo o desenho ao título da revista.

O custo da assinatura por série de 8 números é de 400 réis.

Agradecemos os exemplares recebidos.

DE AUTOMÓVEL

Foi numa destas manhãs da presente primavera que os nossos pequeninos e estreitáveis corpos receberam airosamente o perfume açucenal das mais delicadas flores.

O firmamento, essa abóbada celestial, tinha a mesma côr exacta das lindas rosas de chá.

A suavidade era muita e a aragem convidativa.

Abalamos:

Eu era o trevo e a minha dócil e formosa companheira... a roixa violeta.

O automóvel... leram os nossos franzinos e delicados pés; o motor... o bater apressado de nossos estreitáveis corações: a força ou energia... eram a ancia e a comoção.

Rompemos prados e bosques, sentimos delírio, enfim!...

Depois... como se tivessemos voando aos páramos do ceo, subimos ao cume dum outeiro, e daí, pudemos admirar, risonhamente, a velha e primorada Guimarães!

O panorama que nossos olhos crystalisados disfructaram, era belo e sublime:

Vimos a Penha formosa,
—Linda vista colossal!—
O terreno da Amorosa,
E o retiro do Pombal...
Vimos a nova prisão,
E o excelso da Atouguia,
A antiga feira do pão,
Ponte de Santa Luzia.
Vimos o esguio castelo,
Todo morêno e singelo...
Do bravo rei português!
Vimos o campo da Feira
E o tarreão da Oliveira
Com seu relogio *francês*

Vimos o monte da Cola.
A sombria Cruz d'Argola,
Com os seus montes floridos!
Nós vimos a Fonte Santa,
Com sua aparencia branca,
A convidar os amigos.
Vimos prados e mais rosas,
E muitas flôres mimosas
Dum perfume açucenal
Vimos lindas carvalheiras,
As floridas japoneiras,
E muitos lyrios do vale.

Depois, vagarosamente e muito reconchegados... descemos.

.....

Mas se vós, queridos e sinceros leitores, vos déres ao momento diabólico de pensar um unico instante no prazer e alegria com que os nossos floridos corações foram penetrados... então, vós sentirieis suavidade e aragem convidativa.

António da Silva Carvalho.

TEATRO GIL VICENTE

DRAMA NO MAR

2 partes

Titi não faça tolices

—Ó tia, sabe-me dizer quem foi a sua madrinha?

—Porque perguntas isso?

—Pergunto, porque o nome da titi é igual ao dum frade do sexo feminino, que existiu outrora, no extincto convento da Costa.

—Isso não quer dizer nada; pois tu não sabes que há muitos nomes iguais?

—Lá isso é verdade.

—Mas quem foi? diga, diga, não se faça rogada.

—Ora!... deixa-te disso menina, anda comer a sopinha e depois vais para a tua caminha.

—Então a tia quer que eu vá já para os meus aposentos?

—Pois então!...

—Mas a tia ainda não vai!...

—Não vou porque tenho de dar uma obra pronta e preciso de fazer serão.

—Ah!... já sei! a tia realmente faz muito serão; mas é a passear pelas ruas, a altas horas da noite, à procura das *pleugas*.

—O quê!... O quê!...

—A's *pleugas*... sim, digo muito bem; de noite, à procura do vil metal, e de dia a comer «*Franguinhos e salpicão com ovos*».

—Franguinhos e salpicão com ovos?!...

—Sim!...

—Quem é que te disse isso?

—Ora, ainda pergunta. A tia não sabe que assisti ao convite.

—Que convite?

—Ao convite que lhe fêz o *Melro!*...

—Que *Melro*?

—Esse que frequenta o nosso estabelecimento.

—Então, tu não sabes que o Melro, é um *pássaro* que só come caldo e pão?

—Não!... êste come *Frango e salpicão*, juntamente com a tia.

—Não digas isso, menina.

—Digo, digo. Então a tia não foi com êle comer o *Frango e o salpicão*, para a tasca das *chocas*, de S. Miguel?

—Que tasca?

—Aquela que fica à beira do sanatório Policial?

—Não menina.

—Ah!... isso é que foi, porque dizem até para aí que foi lá uma pessoa desentocá-los, como o *furão desentoca o coelho*.

—Isso é falso.

—Não é falso, não. A tia quer-se tornar muito séria, mas as bichas para o público já não pegam.

—E porque?!... Porque já tem sido por diversas vezes encontrada a altas horas da noite, na rua.

—Não me digas isso. Porque de noite ninguêm sai da nossa casa.

—Não, não!... A tia só não sai, quando não há toque de *Bombeiro*.

—Malcreada... se não fôsse olhar que ainda estás debaixo do domínio das *tetinhas*, batia-te.

—Olhe tia: o que devia fazer era deixar-se de tantos luxos, porque o trabalho honrado não dá para isso. A tia, como costureira, não ganha assim tanto, e porisso, anda *mouro na costa* e para o quê, ouça: dizem que a nossa casa é o Club do Feixa a...

—Cala-te...

—Calo, calo, pelo motivo do *Sr. Melro* me ter dado a *cadeirinha*.

—Então já vês, que tenho razão no que digo.

—Não tem razão nenhuma; porque a tia, podia ser pobre e viver livre da língua viperina.

—Que queres tu dizer com isso?

—Quero dizer, que desde que tem profissão, escusado seria andar a dar com a cabeça pelas paredes, e mais lhe valia andar vestida modestamente, do que com tanto luxo.

—Continuas a ser muito malcreada!...

—Não sou, não!... eu só lhe digo as verdades tia, e quem não quer ser *Lobo* não lhe veste a pele. Que anda a fazer por aqui o *Sr. Melro!*

—Nada!...

Pois olhe, parece-me o *Corvo atraz da carne fresca*.

—Já te disse que te cales.

—Calo, calo. E por hoje não lhe digo mais nada, pedindo-lhe que espere pela continuação dêste.

Continua.

X.

A Direcção da Associação dos Proprietários e Lavradores de Guimarães previne os seus consócios que queiram fornecer-se de sulfato de cobre e de enxôfre, que entabolou negociações com uma das casas mais importantes de Lisboa para o fornecimento por prêço mínimo dêstes productos de qualidade garantida.

PADARIA COSTA CARNEIRO

RUA DE PAIO GALVÃO

(em frente à Praça do Mercado)

A casa que em Guimarães vende todos os artigos concernentes ao seu negócio, tais como:

Esplêndidos *bijous* e saborosos biscoitos.
Grandes depósitos de farinhas, etc.
Visitem a

Padaria Carneiro

QUEREM-SE CALÇAR?

Vão à Sapataria Académica, de

AUGUSTO FARIA,

onde se encontra o melhor sortido de calçado de luxo para homem, senhora e criança.

PREÇOS BARATISSIMOS

Rua de S. Paio—GUIMARÃES

LOJA DE SOLA

DE

Joaquim S. Boaventura Mendes Guimarães

Nêste estabelecimento encontra-se um variado sortido em sola, cabedais e miudezas proprios para sapatarias.

Artigos de luxo para calçado.

Grande sortido em fivelas e aperta-laços para senhora e creança.

Exportação de calçado e deposito de malas de chapa e couro.

Preços baratissimos.

1, Rua de S. Damazo, 3—GUIMARÃES

Se quereis saborear o bom café experimentai a inegualavel marca **DELICIOSO** que se vende na

CASA MARTINS,

Rua da República, em frente ao mercado do leite.

Neste mesmo estabelecimento se encontra um bom sortido de mercearia e confeitaria; especialidade da casa—**Queijo da Serra da Estrela.**

VISITAI A CASA MARTINS

FOTOGRAFIA MODERNA

DE

DOMINGOS ALVES MACHADO

Rua de S. Damaso — Guimarães

Executa-se com prontidão, nesta bem montada fotografia, todos os trabalhos que lhe forem requesitados

PREÇOS RASOAVEIS

José de Magalhães Bastos & Vinagreiro

Mercearia, Confeitaria e Pastelaria

LUNCHES

Grande e variado sortido de dôces de todas as qualidades
Executam-se encomendas para Casamentos, Baptisados e Soirées
Bolachas Nacionais e Inglesas
Vinhos de mêsa, finos e espumosos
Champagnes, Cognacs e licores
Conservas Nacionais Estranjeiras
Massas e farinhas alimentícias
Chá, café, chocolates e cacaus
Azeite de Traz-os-Montes
Géneros de mercearia de primeira qualidade.

Tabacos — Habilitados.

VAGO

VAGO

O MELRO

Publicação quinzenal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adeantado)

Mensal... ... ... 40 rs.
Número avulso. ... ... 20 „
Pelo correio aumenta 60 réis, para o porte e cobrança.

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetição por linha... ... ... 20 „
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

O MELRO

Publicação quinzenal

Ex.mo Sr.

.....

.....

.....